

O TRIUNFO DO JORNALISMO. LEITURA DE SINAIS, LIVRO DE CRÓNICAS RADIOFÓNICAS DE FERNANDO ALVES *

MOISÉS DE LEMOS MARTINS **

1. Dizia Karl Kraus que «o jornalismo come o pensamento». Se olharmos o que é hoje a realidade do jornalismo, talvez estas palavras tenham uma actualidade maior do que há um século, altura em que foram proferidas.

Nos nossos dias, o jornalismo cedeu à ideologia da comunicabilidade, à sacralização da opinião, fazendo da comunicação uma mística, que favorece o pensamento mole e invertebrado e nos conduz a uma ideia de tolerância, que consiste na absoluta falta de importância dada a toda a diferença. Além disso, qual galinha de alma presa por uma perna, o jornalismo prendeu a alma à fórmula da objectividade, em nome de uma ética que parece ignorar toda a epistemologia contemporânea, de Karl Popper a Paul Feyerabend. O jornalismo parece ter a ilusão de que podemos ficar de lado ou fora do mundo. Estando completamente comprometido com o mundo, o jornalismo parece viver a ilusão de apenas o apresentar e descrever ¹.

É minha ideia, todavia, que o jornalismo exige o pensamento. Estando obrigado a pensar, o grande jornalismo convoca um grande estilo. Quando digo estilo, não falo dos jogos florais previstos pelos «livros de estilo». Falo, precisamente, da dança do pensamento, o que quer dizer, de uma convulsão

* Fernando Alves, *Sinais*, Lisboa, Oficina do Livro, 2000.

** Universidade do Minho.

¹ Fazendo a crítica da noção de facto histórico, o historiador Paul Veyne (1989: 6) diz que «os factos não existem», quer dizer, eles só existem, concretamente, «sob um conceito que lhes dá forma», ou por outra, «apenas em relação às perguntas que lhes fazemos». Sendo verdade que, materialmente, a história se escreve com factos, formalmente, ela apenas se escreve «com problemáticas e conceitos» (*ibidem*).

e de um estremeamento, de brechas e de abalos surdos, no meu confronto com as coisas que vejo, e também com as instituições com que tenho que ver, e ainda com aqueles com quem de alguma forma me relaciono. Afinal de contas, as palavras e a sintaxe só existem para dar vida ao conceito. É uma vida independente.

A primeira coisa que se me oferece dizer sobre os *Sinais* de Fernando Alves é exactamente isto, que eles são portadores de um grande estilo, que eles são a afirmação de uma poderosa dança do conceito. Num grande estilo, escreve-se para dar vida, para libertar a vida das cadeias que a aprisionam, escreve-se para traçar linhas de fuga.

Dizia Deleuze, em *Pourparlers* (1990: 138), que o estilo num grande escritor é sempre também um estilo de vida, não qualquer coisa de pessoal, mas antes a invenção de uma possibilidade de vida, a invenção de um modo de existência. E o que é que vemos nos *Sinais*? Vemos a linguagem em desequilíbrio, como que «perturbada pelos assombros do mundo» e a cada passo desejando o invisível (p. 157), em busca de um fio que dê sentido à sua própria errância (p. 153).

É esta tensão da linguagem para fora de si – este desequilíbrio – que torna possível que alguma coisa possa acontecer, qualquer coisa como um clarão, que nos faça ver e pensar aquilo que à volta das palavras jaz nas sombras. O que eu vejo na escrita de Fernando Alves é este clarão, não um sistema em equilíbrio, mas um estilo poderoso, o conceito que dança, exuberante, ora como um rumor de enigmas, paradoxos e absurdos, ora como uma ressonância de brisa suave, que se espraia pela argúcia e pela ironia.

2. O admirável «canto nómada», que os *Sinais* constituem, não se contenta em ir atrás de uma pulsão de curiosidade e de descoberta. *Sinais* interroga-se sobre o que, verdadeiramente, o nosso olhar está olhando (p. 129). Há, assim, neste poderoso estilo, a transgressão do gesto e do olhar. Os *Sinais* são isso mesmo: no gesto e no olhar, a transgressão; na intensidade, na ressonância e no acordo musical, o desassossego. Os *Sinais* são uma arte do absurdo, do enigma e do paradoxo, e ao mesmo tempo, uma arte da adivinhação, pelo teimoso desejo do invisível.

Quando hoje os nossos gestos são tiques e o nosso olhar um ritual sem alma, os *Sinais* são a proposta de um regresso à autenticidade radical do gesto (p. 27), um pensamento indomável, que quebra com heroísmo, sendo o heroísmo a plenitude do humano, o olhar esfíngico das estátuas, o olhar de todos os poderes, políticos, religiosos, ou outros, e passa a flecha do desejo para a outra margem, como podemos dizer numa convocação de Nietzsche.

Nos *Sinais*, vejo imprecações contra os estados intoleráveis do mundo, mas vejo igualmente a ressonância de uma vida ainda a começar, com tudo por viver, a ressonância de uma vida ainda na surpresa da primeira manhã

da criação, ainda na surpresa da manhã da «vibração primordial» (p. 61). «Canção com lágrimas», os *Sinais* levantam-se em grito de revolta contra o deus irado do vento, das chuvas e dos tremores de terra, e também contra o deus da secreta maquinação do mundo, o deus da razão de Estado, que instala sorrisos protocolares e negócios de cooperação, o deus que instala a paz dos Estados como o avesso da guerra, e que por isso manda produzir minas anti-pessoais e toda a espécie de armamento, para o vender a mercenários mais ou menos oficiais (p. 97).

Entoada com lágrimas, a canção dos *Sinais* faz de Fernando Alves um céptico como Job. Revoltado contra o deus imanente em que acredita, e que tantas vezes o deixa inconsolável no seu clamor, o céptico Fernando Alves toma as dores de Job, esse crente irado com o seu deus transcendente, revoltado pelo abandono a que ele o votara. O olhar de Fernando Alves e o olhar de Job aproximam o deus imanente do deus transcendente: ambos se fazem surdos, demasiadas vezes, ao clamor humano.

Mas uma outra canção, dizia, ecoa nos *Sinais*. Há neles uma exuberância insubmissa, à solta pela Cidade, onde, de repente, tudo parece estar a ser reinventado (p. 135). Nos *Sinais* há essa felicidade paradoxal de um vento que nos empurra pelas costas, numa sucessão de rajadas e esticões, sempre a descobrir-nos em alto mar, quando nos julgávamos no porto.

Direi então que nos *Sinais* existe, ainda, a sugestão de uma necessária mas ténue e improvável comunidade. Nas «navegações pessoalíssimas» a que se entregam estas crónicas, há como que um anjo ancorado ao nosso desejo de descoberta dós rostos e dos gestos dos outros a nosso lado. No seu caminho, os *Sinais* são para cada um de nós como que figurações do futuro de todos os encontros.

Vejo a sugestão da tenuíssima comunidade nos gestos que nos *Sinais* reclamam a humanidade dos outros a nosso lado. Vejo-a também nesses gestos levantados contra o deus da secreta maquinação do mundo. E vejo-a ainda nos sobressaltos arrancados à lama («flor arrancada à lama», como chega a ser dito), onde o deus das tempestades sepulta a extrema pobreza.

3. Ao ler os *Sinais* fico convencido de que o grande jornalismo não come o pensamento; realiza-se antes como pensamento. E o que é pensar? Dizia Deleuze (1990: 144) que pensar não é interpretar, mas experimentar, sendo que a experimentação é o actual, o que está a nascer, o que está a ponto de ser feito.

A história, por exemplo, não é experimentação. É apenas o conjunto de condições que tornam possível a experimentação de alguma coisa que escapa à história. Paul Veyne dizia isto muito bem: aquilo que se opõe ao tempo, da mesma forma que se opõe à eternidade, é que é a nossa actualidade.

Aqui está a razão pela qual entendo que o Fernando Alves é o mais actual dos profissionais da informação, ele para quem a rádio é «um lugar prodigioso, uma possibilidade de pátria, a casa primordial» (p. 135).

Estive a ler ultimamente *Uma Campanha Alegre* de Eça de Queiroz, uma obra que fixa muitas das suas crónicas jornalísticas. Verifiquei que esta ideia de actualidade, que vem de Nietzsche e ecoa depois em Foucault e Deleuze, não lhe era estranha. Também para Eça, a vida não era a história, pelo que a sua pátria jornalística não vivia de relatos nem de recordações. As suas crónicas eram acto de pensamento, eram experimentações. Diz assim: «Ser democrata de 20, ou carlista de 36, ou cabralista de 45, ou regenerador de 51 – não é viver, é recordar-se. E, por outro lado, quem sabe também se os mortos se recordarão?» (Eça de Queiroz, 1979: 64). Eça aproxima-se bem da ideia de Veyne: a actualidade é aquilo que tanto se opõe ao tempo como à eternidade. Continuando com Eça: «viver é ser do seu tempo, estar no seu momento histórico, ajudar a criação social do seu século, sentir a comunhão das ideias novas» (*ibidem*).

4. A crónica é, com o ensaio, o dispositivo de escrita que talvez melhor exprime a nossa condição moderna. Género fragmentário e solto, que diz o provisório e o contingente, a crónica é no plano da imprensa escrita e radiofónica aquilo que é o ensaio no plano editorial, um género que difere da pequena e da grande narrativa – do conto e do romance – por não se sujeitar a um princípio de unidade. Sendo sintéticas como escrita, tanto a crónica como o ensaio ensaiam o método de uma «analítica da actualidade» (Bragança de Miranda, 1994). Mas é nesta experiência «in actu», num combate «sobre a linha», ou «para lá da linha», se preferirmos Heidegger a Jünger, que hoje se decide o humano.

É pelo menos essa a ideia-força que conduziu os *Sinais*. Para Fernando Alves, o verdadeiro espaço do humano é a imanência. E os *Sinais* proclamam esta convicção. É por se tratar de um espaço radicalmente aberto pela ideia de liberdade e pela justiça, como seu efeito, que os *Sinais* querem crer que por uma vez na história venha a ser feliz a nossa «precipitação na imanência».

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles, 1990, *Pourparlers*, Paris, Minuit.

MIRANDA, J. Bragança de, 1994, *Análítica da actualidade*, Lisboa, Vega.

QUEIROZ, Eça de, 1979 [1871], *Uma campanha alegre*, Vol. I, Porto, Lello & Irmão Editores.

VEYNE, Paul, 1978, *Comment on écrit l'histoire*, Paris, Seuil.

VEYNE, Paul, 1989 [1976], *O inventário das diferenças*, Lisboa.